

A cidade de Salvador, dos idos de 1959: os olhares de Jorge Amado e Milton Santos

Adriano Bittencourt Andrade

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PINHEIRO, DJF., and SILVA, MA., orgs. *Visões imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura* [online]. Salvador: EDUFBA, 2004. 184 p. ISBN 85-232-0339-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

A cidade de Salvador, dos idos de 1959: os olhares de Jorge Amado e Milton Santos

Adriano Bittencourt Andrade'

A idéia de encontrar, nas linhas e entrelinhas de textos literários, imagens, paisagens e noções do espaço geográfico da cidade de Salvador pode parecer, de início, apenas curiosa. Entretanto, a reflexão e o aprofundamento nas pesquisas e leituras mostram uma pertinência e uma coerência não explícitas nessa proposta, ao primeiro olhar. Obras literárias como a selecionada para este texto – apesar de distantes do estilo e do rigor acadêmico, pois que obras de ficção – trazem, no seu bojo, informações e “leituras” do cotidiano de uma cidade que raramente são abordadas nos livros científicos.

Definidos o espaço geográfico e as intenções iniciais, objetivou-se entender as estruturas pretéritas a partir da comunhão complementar (o que se comprova viável no corpo deste artigo) entre obras literárias e acadêmicas do mesmo recorte temporoespacial. Para tal, foi necessário optar por livros que atendessem a esse fim. A escolha, adiante detalhada, pela vasta obra de

Jorge Amado foi imediata e óbvia. Entretanto fez-se a dúvida sobre qual seria o livro matriz, dúvida essa dirimida a partir da observação de uma feliz coincidência: o ano de 1959, que marca a conclusão de *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*, é o mesmo da edição do livro de Milton Santos *O centro da cidade de Salvador*.² A possibilidade de fazer uma análise comparativa entre as duas obras animou e norteou a pesquisa e os destinos deste trabalho.

Assim, definiram-se como objetivos principais: (1) buscar informações reais sobre o espaço geográfico na obra de ficção, partindo do pressuposto de que o autor da obra literária escreve a partir de uma pesquisa prévia ou de uma vivência no ambiente por ele reproduzido, o que parece ser uma situação bem própria aos livros de Jorge Amado; (2) identificar uma outra cidade, não explícita nos livros técnicos, típica de uma abordagem fenomenológica da Geografia Cultural Humanística; (3) conhecer a estrutura social e econômica (formal e cotidiana) de Salvador, antes das densas transformações das últimas décadas do século XX (daí a importância da escolha dos referidos livros); (4) compreender a conjuntura da época (década de 50 do século XX) e identificar nexos entre a produção literária de Jorge Amado e a científica de Milton Santos.³

Assim, para atingir esses objetivos, apresentam-se: uma breve referência biográfica – fatores relevantes à obra estudada – dos autores indicados; uma análise sumária dos dois livros, indicando aproximações e distinções (ou complementos); o contexto mundial, nacional e local em que foram pensadas as obras; a análise de fragmentos do livro *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* – a parte nuclear do trabalho – que expressem o espaço geográfico da cidade da Bahia, à luz da produção científica de Milton Santos, principalmente do seu livro de mesma data *O Centro da Cidade de Salvador*; e, finalmente, uma conclusão com abordagem de assuntos como a relação complementar entre a Literatura e a Ciência, a evolução da cidade de Salvador e a pro-

dução do espaço, além de uma retomada da área observada nos referidos livros (o antigo centro da cidade), com breve indicação do seu atual “papel” na metrópole em que se transformou a antiga cidade da Bahia.

A pequena diferença cronológica de 14 anos⁴ já nos indica uma aproximação entre os dois autores, visto que viveram momentos históricos similares. Ao observar-lhes a origem e destinos espaciais⁵, percebe-se que as diversas coincidências seguintes terão motivos de ser e, de fato serão, uma constante na vida desses dois eminentes baianos.

Além das já referenciadas coincidências, ainda é possível indicar que tanto Jorge como Milton formaram-se em Direito, em 1935, no Rio, e pela USP, com ingresso em 1944, respectivamente. Apesar de Jorge Amado nunca ter se apossado do diploma, essa formação certamente deu aos dois autores a fluência na linguagem e foi decisiva para uma ativa vida política estudantil, para a produção posterior (explícita na análise que faremos a seguir) e mesmo profissionalmente.⁶ Apesar de não ter encontrado na literatura registro de amizade entre os dois, ambos tiveram, pelo menos, um amigo comum – Caio Prado Júnior. Existia, também, uma admiração notória de Milton em relação à obra de Jorge Amado, demonstrada na referência bibliográfica de seu livro (1959), em que inclui *Bahia de Todos os Santos*, e em entrevista concedida e publicada (SEABRA *et ali*, 2000: 88), quando, em resposta a uma questão sobre a atividade intelectual no final dos anos 50, afirma:

E tentávamos imitar a métrica de Gilberto Freyre e de Jorge Amado. Tentávamos reproduzir a prosa dos dois, que era muito musical. Até hoje busco pôr uma música no que eu escrevo, quanto tenho tempo. Quando não tenho, vai como vai. Mas isso vem da nossa paixão por esses grandes autores. Sem contar Machado de Assis e o obrigatório Eça de Queirós, que nós líamos e comentávamos. E havia essa crença de que a cultura era um meio de se ir para frente.

Vistas essas semelhanças, existiu um fator dicotômico que os diferenciou decisivamente e, conseqüentemente, está exposto nas suas produções. Jorge Amado, não obstante a sua origem de uma rica família do sul do Estado da Bahia, teve uma vida próxima da cultura popular, conforme se verifica no *site* da Academia Brasileira de Letras⁷, “livre e misturado com o povo”, fato que o fez, em palavras do próprio autor, contar estórias e histórias vividas ou ouvidas. Milton Santos, por sua vez, teve uma criação aristocrática. Na entrevista citada⁸, informa que foi criado para “mandar”, distante dos apelos populares, como o candomblé e o futebol.

O conjunto desses pontos comuns e distintos entre os dois autores estarão expressos nas suas obras e, especificamente, nos dois livros analisados neste trabalho. Fato é que ciência e ficção contam histórias complementares, quanto à forma literária, aos espaços (lugares) e, principalmente, à observação diferenciada sobre os eventos.

A morte e a morte de Quincas Berro D'água é uma curta novela que conta a estória de um cidadão da Bahia formal (funcionário público aposentado), que levou boa parte de sua vida reprimido pelos ritos da formalidade da elite soteropolitana e pelo gênio dominante da esposa e da filha. Joaquim Soares da Cunha deu lugar ao Quincas Berro D'água, ao se entregar aos prazeres da vida na Cidade da Bahia. Apesar da vida humilde e vadia, foi em Quincas e nas ruas degradadas de Salvador que Joaquim encontrou a felicidade. A morte do indivíduo trouxe de volta os dois personagens. A família, que o havia relegado ao esquecimento e à vergonha, acreditava na necessidade de, justificando-se à sociedade baiana, enterrar formalmente o seu morto. Já os amigos e as amantes de Quincas prestavam-lhe as homenagens derradeiras, que culminaram com uma cena surreal, quando o morto ganha uma nova vida nos braços dos quatro grandes amigos, para, ao final de uma noite de intensa folia e bebedeira, voltar a morrer no mar da Bahia – seu professo desejo. Jorge Amado traz, nesse

livro, as marcas que acompanham toda a sua obra: territorialização dos contos e romances (neste caso, a Salvador da década de 1950), contextualização social dos seus personagens, o que viabiliza sobremaneira uma análise geográfica de seus trabalhos.

Em *O Centro da Cidade de Salvador. Estudo de Geografia Urbana*, o jovem doutor Milton Santos (33 anos) demonstra um conhecimento primoroso da cidade em análise. Segue os passos monbeigeanos⁹ das monografias urbanas dominantes na produção geográfica brasileira de então, indo além de uma mera visão positivista e fragmentada do espaço. Faz diversas considerações teórico-conceituais¹⁰ (fixos e fluxos, estrutura e processos, circuitos formais e informais, etc.) e avança por uma inserção da capital da Bahia no contexto mundial, não a entendendo como um fim em si mesma. Santos avalia, no primeiro capítulo, as relações entre Salvador e a sua hinterlândia, fazendo diversas considerações históricas sobre a evolução da cidade. No capítulo dois, de forma pontual, discorre sobre as funções do centro de Salvador, considerando a cidade alta, a cidade baixa e o entorno. No terceiro capítulo, trata da cidade vivida e dos óbices decorrentes de um sítio de difícil ocupação, bem como dos problemas que derivam de um crescimento acentuado do núcleo urbano e da necessidade de novos equipamentos. No quarto capítulo, trata da estrutura da cidade, fazendo referência, inclusive, a áreas degradadas (os cortiços, o Pelourinho) e concluindo brevemente com a retomada de alguns dados, especialmente a característica de núcleo comercial marcante da cidade de Salvador, explícita na observação da sua função portuária.

As obras supramencionadas caracterizam uma realidade local que será pormenorizada nas linhas seguintes. Antes, no entanto, faz-se necessária uma contextualização, em âmbito mundial e nacional, para o perfeito entendimento da estrutura e conjuntura na qual estavam inseridos os autores e fatos estudados. Como o próprio Santos diz:

A idade das variáveis presentes em cada lugar acaba sendo medida com referência a fatores internos e externos, sobretudo nos países subdesenvolvidos, onde a história da produção é intimamente ligada à criação, nos países do centro, de novas formas de produzir. (Santos, 1996: 49)

Essa óbvia influência externa sobre a cidade da Bahia e, conseqüentemente, nos destinos dos livros em análise, merece a nossa observação.¹¹

Em âmbito mundial, o marco referencial histórico é o fim da Segunda Grande Guerra, em 1945, e o início de um embate ideológico-militar entre o mundo capitalista (composto por um grupo de países desenvolvidos – EUA, Canadá, Europa Centro-Occidental, Japão, Austrália e Nova Zelândia – e por diversos outros países periféricos, dentre eles, o Brasil) e o mundo socialista (URSS, Europa Oriental, China e outras experiências pontuais na Ásia e África). Havia uma necessidade preeminente de posicionar-se diante desse mundo bipolar, o que sugeria a negação (repressão) das forças opostas. Assim, nesse período, criam-se organismos reguladores do mundo capitalista emergente¹², tais quais a ONU, o FMI, o Banco Mundial e, posteriormente, a GATT (atual OMC – Organização Mundial para o Comércio), renunciando uma regulação global e, mais efetivamente, a mundialização do capital. Da necessidade de reconstrução da Europa e do Japão decorrem os “30 anos gloriosos” do capitalismo, com grande pujança e crescimento econômico, além de um incrível advento tecnológico no Primeiro Mundo. Esses fatos trouxeram reflexos aos países do Terceiro Mundo, com a maciça entrada das transnacionais e a conseqüente internacionalização das economias periféricas.

O Brasil vivia, nesse período, um momento de turbulência política e econômica: um profícuo embate, dito por Fausto (1994: 407), entre os nacionalistas, que defendiam um Estado forte, autônomo, independente do sistema capitalista internacional

e atuante como regulador da economia e investidor em áreas estratégicas, e os adversários, depreciativamente chamados de “entreguistas”, que propunham uma menor intervenção estatal e um alinhamento irrestrito aos EUA, com um marcante combate às idéias comunistas.

Dutra, que ocupou o governo nacional no período entre o Estado Novo e o retorno de Vargas, iniciou cedendo a pressões externas, à corrida liberalista com uma menor intervenção estatal. O retorno de Getúlio Vargas ao poder (1951 a 54)¹³ marcou uma fase populista-nacionalista, com estímulos à Petrobrás, Eletrobrás e à indústria nacional, principalmente à siderurgia e à criação do BNDE (1952) – Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico. Teve como ministro do trabalho João Goulart (que possuía ideais socialistas) e promulgou diversas leis e direitos trabalhistas.

O suicídio de Vargas, o governo “tampão” de Café Filho e a eleição de Juscelino Kubitschek marcaram um processo de transição, que trouxe estabilidade política e crescimento econômico, sustentados pelo capital internacional e legitimados pela propaganda oficial. Houve, no estabelecimento do plano de metas do governo de JK, um fator decisivo para a urbanização brasileira, a abertura de eixos rodoviários, que intensificou o fluxo de pessoas e determinou a forte migração rural-urbana (êxodo rural), o que levou ao inchaço das cidades, com uma urbanização concentrada em poucas metrópoles, além da conseqüente segregação e exclusão nos espaços urbanos.¹⁴

A partir desse longo preâmbulo, torna-se perceptível o enquadramento histórico-espacial que fazem Jorge Amado e Milton Santos nas suas respectivas obras. A leitura de trechos de *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* permite visualizar a territorialização, no espaço banal¹⁵ indicado por Jorge Amado, dos fenômenos que marcaram a sua vida e também a estrutura social e econômica da cidade de Salvador. Essa observação torna-se ainda mais pertinente quando da comparação com o olhar téc-

nico-científico de Milton Santos. Os tópicos a seguir seguem essa metodologia: primeiro as citações do referido livro de Jorge Amado e, em seguida, as asserções de Milton Santos sobre o mesmo espaço, hábito ou característica socioeconômica, e a nossa análise comparativa das duas obras.

1

...quando a lua se desfez sobre o mar e aconteceram mistérios na **orla do cais da Bahia**. Presenciada, no entanto, por testemunhas idôneas, largamente falada **nas ladeiras e becos escusos...** (AMADO, p. 1 e 2).¹⁶

Há uma indicação da região nuclear da cidade de Salvador, o seu porto, que, conforme Santos (1959:41), é “muito animado, é a base da importância regional da cidade.” Esse fato, além das diversas outras referências, constitui um subitem no livro *O Centro da Cidade de Salvador* de Milton Santos (A Função Portuária, p. 71).

2

Os patifes que contavam, pelas ruas e ladeiras, em frente ao **Mercado e na feira de Água dos Meninos** (...) cantadores populares na **entrada do Elevador Lacerda, por onde passa tanta gente de bem ...** (AMADO, p. 5)

A roda, em frente à **rampa dos saveiros, na feira noturna de Água dos Meninos** aos sábados, nas **Sete Portas**, nas exibições de capoeira na **estrada da Liberdade ...** (AMADO, p. 51).

Merece atenção, nesse trecho, a indicação das rampas dos saveiros, o que Santos corrobora dizendo:

Ao lado da extensão de cais, construída especialmente para os grandes navios, há as “rampas” onde podem abordar os saveiros. São duas: a “Rampa do Mercado”, logo ao lado da Praça Cairu e a da Água de Meninos, no final da Av. Frederico Pontes, ambas muito pitorescas e ricas de cor local. (SANTOS, 1959: 73)

Essas rampas atendiam ao mercado grossista, e delas derivava uma feira local.

Há, também, uma referência à estrada da Liberdade, que Santos comenta: "...a formação de um núcleo comercial na Liberdade, bairro que atualmente tem mais ou menos 160.000 habitantes..."(1959: 50). Já em 1959, a Liberdade constituía uma extensão residencial-comercial que marcava a evolução da cidade pobre ao longo do *horst*, ao passo que a cidade formal seguia pela margem atlântica.

3

...curvado sobre cartas sebatas no átrio da **igreja do Pilar** ou ainda cantando com voz rouquenha na **ladeira de São Miguel**, abraçado a **negras e mulatas de má vida**. (AMADO, p. 7).

Estranho: não havia a habitual barulheira dos botequins e **casa de mulheres de São Miguel**. Tudo naquela noite era diferente. Teria havido uma **batida inesperada da polícia, fechando os castelos, clausurando os bares?** (AMADO, p. 84).

A vida dos excluídos, que habitavam a área degradada da cidade – o Pelourinho, as suas ladeiras e adjacências da Baixa dos Sapateiros – foi um assunto pouco explorado por Milton Santos (certamente por não ser esse o foco da sua pesquisa), aparecendo apenas em breves referências de ordem quantitativa, sem uma análise mais apurada. Entretanto, o próprio Jorge Amado, aborda esse tema de forma íntima (até pela sua vivência nesses ambientes), a exemplo das citações acima e deste trecho do livro Suor¹⁷ :

Chegou ao buraco do quarto e ficou olhando os telhados negros da cidade anciã. As ladeiras eram os braços da cidade esticados para o céu. Ali embaixo, no centro da ladeira empedrada, ficava o Pelourinho, montado pelos colonizadores portugueses. Hoje, o pelourinho desaparecera, mas a ladeira que lhe tomara o nome era como um pelourinho também. Todos os que ali viviam passavam vida apertada, sem pão, sem trabalho.

Conforme nos mostra Silva (1999: 260), “O Centro Histórico de Salvador sofreu um processo de depreciação oriundo de sucessivas mudanças de funções”, o que o levou a modificar-se na sua estrutura social e econômica, porém com rugosidades expressas no seu desenho arquitetônico e urbanístico, migrando de uma inicial ocupação residencial de elite para a situação, acima indicada, de degradação.

4

A **negra** viera pelas ervas, urgia recebê-las, estavam na época sagrada das **festas de Xangô**. Como sempre, a porta do quarto, no alto da **íngreme escada**, encontrava-se aberta. (...) Filha e genro ouviram **sem prazer** aqueles detalhes com **negra e ervas, apalpadelas e candomblé**.(AMADO, p. 8). **Gente distinta**. O genro é **funcionário, mora em Itapagipe**. Casa de primeira... (AMADO, p. 13)

E o transporte do cadáver do **Tabuão para Itapagipe?** Uma fortuna. (AMADO, p. 28).

Percebe-se, nesses trechos, um caráter preconceituoso entre um público de classe média e alta em relação à população pobre e aos seus mitos e ritos. Além disso, como marco de uma segregação espacial, há uma indicação de ocupação de bairros distintos a partir da diferenciação de classes ou funções. Sobre esse tema Milton Santos confirma:

Assim é que as características fundamentais da atividade econômica regional fornecem uma explicação para a repartição social e profissional da população: uma classe rica, constituída por banqueiros, homens do alto comércio, da indústria e grandes proprietários, uma classe média formada de pessoas exercendo profissões liberais, pequenos comerciantes, proprietários de terras médios, funcionários públicos e uma classe pobre de operários, empregados no comércio, pequenos funcionários e gente sem profissão definida. (1959: 188)

5

Discutiram na mesa de um **restaurante na Baixa dos Sapateiros**. Pela **rua movimentada passava a multidão**, álcere e apressada. Bem em frente, um **cinema**. (AMADO, p. 23)

Um alto-falante berrava próximo as excelências do plano de vendas de uma **companhia imobiliária**.” (AMADO, p. 28)

Empregava ele seus múltiplos talentos na propaganda de **lojas da Baixa dos Sapateiros**. (...) Voltou cabisbaixo, entrou na loja, avisou ao **sírio** que não contasse mais com ele naquela tarde. (AMADO, p. 50 e 51).

Merece destaque a Baixa dos Sapateiros, como rua de intensa atividade comercial popular, em oposição ao comércio de elite, que acontecia na cumeada da Rua Chile.

Nas palavras de Santos:

... grande extensão da rua (mais ou menos 2 quilômetros), atravessada por várias linhas de transporte coletivo, o que facilita uma implantação disseminada do comércio. (1959: 153)

A diversidade das atividades era outra característica local, com presença de imigrantes (os ditos *gringos*, por Jorge Amado), que detinham pequenos comércios e até mesmo cinemas, o que Santos contabiliza como quatro, que, juntamente com as lojas, atendiam à demanda das pessoas de classes média e pobre. O cinema citado por Jorge parece ser o Olímpia, que também é indicado em Suor (1934: 56).

6

Os ruídos de uma **vida pobre e intensa**, desenvolvendo-se pela **ladeira**, mal chegavam ao **terceiro andar do cortiço** onde o morto repousava após a cansa da mudança de roupa. (AMADO, p. 30).

Os cortiços eram marcas de um passado pujante, com a ostentação da riqueza explícita nos casarões e sobrados de até qua-

tro andares, o que contrastava com a degradação. Esses espaços foram ocupados por uma classe pobre, que subdividia em diversas partes os já ínfimos cômodos, cabendo um pequeno cubículo para cada família. Jorge Amado já houvera feito referência a esses mosaicos de pobreza (1934: 4 e 24).¹⁸ Milton Santos não foi menos incisivo quanto tratou do assunto:

Nesses cubículos não há luz, nem ar e inexistente higiene. A vida nesses cortiços é um verdadeiro inferno e as diversas famílias que ocupam um mesmo andar se vêem obrigadas a se servirem de um único banheiro e de uma só latrina. Escadas estragadas, soalhos furados, paredes sujas, tetos com goteiras formam um quadro comum a toda esta zona de degradação. (1959: 166)

7

...as **ladeiras subindo pela montanha** ... (AMADO, p. 33)

A lua fizera do mar um caminho de prata, ao fundo recortava-se **na montanha a cidade** negra da Bahia. (AMADO, p. 90 e 91).

O sítio onde foi “montada” a cidade original, trazida na planta por Tomé de Souza, também foi elemento de observação dos dois autores. Jorge Amado utiliza-se dele poeticamente. Santos (1959:52) faz referência à falha¹⁹ e às implicações da sua existência para o posterior assentamento urbano, indicando inclusive ser esse um dos elementos da originalidade da cidade de Salvador.

8

É bem verdade que os **pequenos comerciantes do Mercado** não fecharam suas portas em sinal de luto. (...) a notícia no ar, subindo o **Elevador Lacerda**, viajando **nos bondes para a Calçada**, ia de **ônibus para a Feira de Santana**. (AMADO, p. 41)

O Elevador Lacerda, inaugurado em 1869, era o mais efetivo eixo de ligação entre a densa atividade comercial, portuária e

financeira da Cidade Baixa e as residências e comércio atacadista da Cidade Alta. O trânsito²⁰, por sua vez, já experimentava um estrangulamento na região central da cidade, devido à inexistência de outros importantes centros comerciais na mancha urbana de então (Santos, 1959).

9

...aquele **saveiro** seria capaz de conduzi-lo mar afora, não para **Maragogipe ou Cachoeira**, ali pertinho (...)" (p. 43)

Tratando da importância dos saveiros para o comércio local, Santos disserta:

...as necessidades da vida quotidiana acarretam uma outra função ao porto, a de receber os produtos de subsistência. O Recôncavo, ainda hoje, é o grande fornecedor desses produtos, para uma cidade praticamente sem periferia rural imediata. O transporte das mercadorias faz-se por 'saveiros', barcos à vela, cuja capacidade varia entre 12 e 15 toneladas. São, maio ou menos, 5.500, e não só ligam a Capital do Estado ao Recôncavo como a outros portos do litoral atlântico do Estado. (1959: 73)

Cabe a ressalva que, nos dias de hoje, já não mais existe a feira de Água dos Meninos. Na rampa do Mercado, as trocas de peixes e frutos do mar acontecem ladeadas por um posto de gasolina da Texaco e, segundo dados fornecidos na palestra que propõe a revitalização do centro de Salvador (promovida, em maio e junho de 2001, pela Câmara de Vereadores de Salvador), são apenas três os saveiros que circulam na baía de Todos os Santos, sendo que apenas um deles possui a sua forma original.

10

O *berro d'água* de Quincas logo se espalhou como anedota, do Mercado ao Pelourinho, do largo das Sete Portas ao Dique, da Calçada a **Itapoã**. (AMADO, p. 45).

A curiosa menção a Itapoã merece a nossa observação, pois, ao que tudo indica, Itapoã ainda era predominantemente uma vila de pescadores de difícil acesso. Santos, entretanto, apesar de não nominar o bairro, indica que: “As praias atlânticas também se povoaram recentemente. Os terrenos foram supervalorizados pela construção de uma auto-estrada ligando o aeroporto de Ipitanga ao centro da cidade e pela especulação que a isso se seguiu. É uma zona de residência rica.” (1959:57). Isso é o prenúncio do que viria a acontecer com a cidade formal se expandindo pela orla atlântica; por outro lado, deixa-nos com uma dúvida da real paisagem que dominava esse bairro naquele período.

Essas considerações, bem como a análise comparativa de trechos da obra de Jorge Amado e de Milton Santos sobre Salvador, vêm a confirmar o caminho a que Pinheiro nos conduz, quando afirma que “sempre existiu uma íntima relação entre a literatura e a cidade”, ou que “os escritores e poetas realizam um trabalho arqueológico, de busca da alma, da verdadeira essência da cidade” (2001: 05). A combinação de ficção e realidade científica nos leva a uma noção do total, nas suas múltiplas realidades, das forças e relações que compõem as cidades. É bem verdade que poucas são as cidades que detêm a graça, a descrição e o realismo das linhas de Jorge Amado, ou da precisa análise geográfica de Milton Santos, sendo esse um privilégio de Salvador. Preocupa-nos, entretanto, termos um número reduzido de relatos escritos, mesmo de outros poetas e escritores que se debruçam sobre a rica história da secular cidade da Bahia. Jorge e Milton (falecidos em 2001) muito fizeram após a publicação das obras aqui analisadas; mas a importância que tem Salvador na história do Brasil, do secular império português, mormente nos intensos 40 anos finais do século XX, com suas densas transformações, indica a carência quantitativa, intensa e apurada de leituras por olhos de poetas e escritores. Valoriza-se a produção existente, porém com a constatação de que ela se dá em números reduzidos, que deveriam ser muito mais significativos pela riqueza de nossa cultura e história.

A década de 50 do século passado, que foi abordada neste trabalho, marca um momento de ruptura no desenho e na evolução urbana de Salvador. Como foi visto, até o início dos anos 60, possuíamos uma cidade bucólica, com seus 400 anos de existência, com diversos problemas transparentes nas suas ruas e bairros, que marcavam, conforme assinalamos alhures, uma clara segregação urbana. Entretanto essa era uma cidade que não havia explodido demograficamente e que mantinha relações de exclusão no seio da sua sociedade, porém com índices passíveis de gestão e controle. A partir da década de sessenta, como marco de uma urbanização concentrada, abrupta e excludente, Salvador inchou (de 1960 a 2000, mais que quadruplicou a população local) e, com isso, viu-se nascer uma imensa cidade a revelia da gestão e da ação pública (cerca de 70% das habitações urbanas estão na ilegalidade). Por motivos óbvios, a mancha urbana também se expandiu, tendo como marco a reforma urbana de 1967 – da abertura das avenidas de vale e da concessão de terras a pequenos grupos de especuladores que dominaram e dominam o mercado imobiliário soteropolitano. A orla atlântica foi ocupada formalmente pela “elite” (salvo algumas poucas porém densamente povoadas invasões de pobres), margeada pela avenida Paralela – Av. Luiz Viana Filho –, formando uma conurbação até Lauro de Freitas. O “miolo” da cidade recebeu os imigrantes com pouca qualificação e dinheiro, do que resultou uma ocupação de baixa renda e desordenada, que se estende ao longo da rodovia 324 (SSA/Feira). A cidade baixa, na área posterior à Calçada, seguindo o chamado subúrbio ferroviário, vive uma realidade híbrida, com bairros residenciais de classe média e baixa, que ocupam historicamente aquela região e resistem a mudanças, e zonas de intensa pobreza, que seguem a linha da falha tectônica, no *graben* (Alagados, Paripe etc) e no *horst* (Liberdade, São Cristóvão, etc). O antigo centro da cidade passou por um intenso processo de degradação (já perceptível nas leituras de Jorge e Milton), que ganhou intensidade com o aparecimento de novos núcleos secundários e de uma nova *core area* (região do Iguatemi), que passaram a polarizar as atividades financeiras,

comerciais e econômicas e causaram um esvaziamento funcional, gradual e progressivo naquele núcleo histórico. Hoje sobrevive à custa do comércio de baixa renda e, a partir da década de 90, passou a experimentar tentativas de revitalização, com a restauração do Centro Histórico de Salvador e o aparecimento de shoppings populares nas suas imediações. A migração de bancos e outras grandes empresas para os novos núcleos da cidade levou também o Comércio (bairro que acompanha o porto) ao compasso da inviabilidade de circulação, à perda de sua importância econômica. Todos esses fatores culminaram com a já citada iniciativa da bancada de oposição da Câmara de Vereadores de Salvador de organizar uma série de seminários, a fim de discutir como viabilizar o antigo centro da cidade.

Esta breve análise da recente e conturbada evolução da cidade de Salvador nos remete às palavras que cantam aquela dita cidade bucólica, que existiu e resistiu até meados de 60, e faz rememorar importantes obras científicas e literárias, bem como reminiscências arquitetônicas, urbanísticas e artísticas, que nos dão um desenho preciso da Salvador antiga. Confirma-se, assim, a hipótese de que um espaço pretérito é passível de apropriação a partir da leitura e do entendimento dos livros e das paisagens²¹, haja vista que esses são registros, em letras ou formas, das marcas de um antigo tempo presente, repleto de funções próprias e características de uma estrutura vigente, o qual se perderia na evolução dos processos, não fosse uma séria negação ao sentimento niilista, bem como a valorização e uma busca constante por esses registros (literários ou científicos, fictícios ou reais, virtuais ou concretos) da nossa história.

NOTAS

¹ Mestre em Geografia pela UFBA.

² Este livro foi resultado da sua tese de doutorado, defendida no ano de 1958, na Faculdade de Letras da Universidade de Strasbourg.

³ A adjetivação da produção dos autores não tem, em momento algum, caráter valorativo em relação a uma suposta importância menor de obras literárias; ela apenas revela um traço distintivo e de referência em relação aos ritos e padrões acadêmicos das obras ditas científicas.

<http://www.academia.org.br/cads/23/jorge.htm>

⁸ Seabra *et alii*, 2000.

¹⁰ Conceitos que serão retomados e aprimorados em obras posteriores do mesmo autor (1985, 1996 e 2001).

¹¹ Para este trabalho de recuperação da estrutura social, política e econômica da década de 50, tem-se como referência Fausto (1998) e Santos & Silveira (2001).

¹² Não mais o “inocente” capitalismo concorrencial de livre mercado, mas uma fase avançada do capitalismo financeiro, onde predominam os monopólios e oligopólios.

¹³ O segundo exílio de Jorge Amado (Paris e Praga), decorrente dos seus ideais socialistas e da sua ação pelo PCB, durou por cerca de 4 anos (1948 a 52). Quando, enfim, retornou ao Brasil, abandonou a militância política no PCB (em 1955).

¹⁴ Salvador não foge a essa regra. Em declarações de cidadãos da cidade dos idos de 1960, é comum a afirmação de que “os pobres da cidade eram todos conhecidos”.

¹⁵ A ser entendido como o espaço do cotidiano, do acontecer diário, da solidariedade, das relações horizontais e, conforme Santos (1996:258) “a cidade grande é um enorme espaço banal, o mais significativo dos lugares. Todos os capitais, todos os trabalhos, todas as técnicas e formas de organização podem aí se instalar, conviver, prosperar.”

¹⁶ Nas citações de *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*, os grifos são nossos; eles destacam termos, espaços e hábitos analisados na continuidade do texto.

¹⁷ Terceiro romance de Jorge Amado, publicado em 1934 (com apenas 22 anos de idade), com uma linguagem de protesto e grito social, que trazia como núcleo do enredo a vida cotidiana do velho cortiço da Ladeira do Pelourinho n.º 68.

¹⁸ “A espanhola alugara o quarto andar transformara os vinte quartos e três salas em quarenta e nove apartamentos que lhe rendiam bom dinheiro.” (p. 24)

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação. Contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro. In: CARLOS, Ana F. Alessandri (org.). *Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano*. São Paulo: EDUSP, 1994, pp. 199-321.
- AMADO, Jorge. 1934. *Suor*. 49 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 164 p.
- _____. 1959. *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*. 86 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 130 p.
- FAUSTO, Boris. 1994. *História do Brasil*. 6 ed. São Paulo: EDUSP: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1998.
- PINHEIRO, Délio José Ferraz & SILVA, Maria Auxiliadora. A Escrita das Cidades: Salvador: MGEO – UFBA, 2001. Texto de aula.
- SANTOS, Milton. *O Centro da Cidade do Salvador*. Estudo de Geografia Urbana. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1959. 196 p.
- _____. 1985. *Espaço e Método*. 3 ed. São Paulo: Nobel, 1992. 88 p.
- _____. 1996. *A Natureza do Espaço*. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 308 p.
- SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001. 471 p.
- SEABRA, Odete; CARVALHO, Mônica & LEITE, José Corrêa (entrevistadores). 2000. *Território e Sociedade. Entrevista com Milton Santos*. 2 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000. 127 p.
- SILVA, Maria Auxiliadora. A evolução urbana do Centro Histórico de Salvador e a preservação da continuidade funcional do bairro de Santo Antônio Além do Carmo. In: VASCONCELOS, P. A. & SILVA, S. B. de M. e S. (org.). *Novos Estudos de Geografia Urbana Brasileira*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1999. p. 259-274.